



APONTAMENTOS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E MEIO AMBIENTE EM HQs

Comics about environmental activism in feminist interlocutions

Cómicos sobre activismos medioambientales en interlocuciones feministas

Tânia Regina Zimmermann¹
Ilsyane do Rocio Kmitta²

Resumo: O texto objetiva apresentar breves apontamentos sobre produções em HQs que representem temas como patriarcado, feminismo, economia do cuidado e mudanças climáticas segundo estudos de gênero. Enquanto HQs ativistas, selecionamos uma produção de Emma Clit *Un autre Regard sur le Climat*, volume 1 e a obra *Último Aviso* de Franziska Becker. Acrescentamos a produção de Maïté Robert *Procrastination ecologique* e “Amalia” da quadrinista Aude Picault, esta última traduzida para o espanhol. Enquanto metodologia propomos uma pesquisa bibliográfica para apresentar os quadrinhos eleitos e suas inserções nas discussões de gênero e meio ambiente utilizando distintas discussões conceituais e categorias como patriarcado e economia do cuidado que hodiernamente problematizam as relações de gênero com a natureza, a crise climática e a degradação global.

Palavras-chave: Produções Quadrinizadas. Meio Ambiente. Feminismo.

Abstract: The text aims to present brief notes on comic book productions that represent themes such as patriarchy, feminism, care economy and climate change from a gender studies perspective. As activist comics, we selected a production by Emma Clit “Un autre Regard sur le Climat, volume 1 and the work “Last Notice” by Franziska Becker. We added Maïté Robert’s production “Procrastination ecologique” and “Amalia” by comic artist Aude Picault, the latter translated into Spanish. As a methodology, we propose a bibliographical research to present the chosen comics and their insertions in discussions of gender and the environment using different conceptual discussions and categories such as patriarchy and care economy that currently problematize gender relations with nature, the climate crisis and degradation global.

Keywords: Comic Productions. Environment. Feminism

¹ Doutora em História, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: tania22@uems.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2227609326004038>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8174-5535>.

² Doutora em História, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5214439137135945>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7959-6983>.

Resumen: El texto pretende presentar breves apuntes sobre producciones de cómic que representan temas como el patriarcado, el feminismo, la economía de los cuidados y el cambio climático desde la perspectiva de los estudios de género. Como cómics activistas, seleccionamos la producción de Emma Clit *Un autre Regard sur le Climat*, volume 1 y la obra “Last Notice” de Franziska Becker. Añadimos la producción de Maïté Robert “Procrastination écologique” y “Amalia” de la historietista Aude Picault, esta última traducida al español. Como metodología, proponemos una investigación bibliográfica para presentar los cómics elegidos y sus inserciones en las discusiones sobre género y medio ambiente utilizando diferentes discusiones conceptuales y categorías como patriarcado y economía del cuidado que problematizan actualmente las relaciones de género con la naturaleza, la crisis climática y la degradación global.

Palabras clave: Producciones cómicas. Medio Ambiente. Feminismo

Introdução

Poucas produções em HQs com maior reverberação publicitária foram produzidas na temática das relações de gênero e meio ambiente, especialmente aquelas produzidas por mulheres e que coloquem no centro de suas preocupações a degradação ambiental. Neste sentido, temos a intenção de apresentar aqui brevemente as principais significações por elas produzidas em relação ao capitalismo com o patriarcado³ e com a economia do cuidado⁴ e degradação ambiental sob uma ótica feminista⁵.

Nos quadrinhos deste artigo, a escolha deles se deu não apenas por trazer representações sobre a realidade climática e das relações de gênero, mas também produções que provoquem uma mudança através do humor no qual leitores se divirtam.⁶ Mapeamos as seguintes obras conforme objetivo desta pesquisa, a saber: Emma Clit *Un autre Regard sur le Climat* (2019), volume 1, *Último aviso* (2014) de Franziska Becker, Maïté Robert *Procrastination écologique* (2022) e *Amalia* (2022) da quadrinista Aude Picault⁷.

Enquanto metodologia optamos por uma pesquisa bibliográfica para apresentação dos HQs observando como apresentam os seguintes temas: relações de gênero e questões

³ Segundo Segato, o patriarcado é uma ordem política baseada em controle, disciplina e opressão das mulheres por meio de narrativas morais muito diversas e espalhadas em várias religiões, culturas diferentes. In: SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016.

⁴ A economia do cuidado é uma parte fundamental da reprodução social, da reprodução das pessoas e da vida humana, no entanto, o cuidar está oculto, pois esse trabalho não estabelece relações assalariadas contribuindo com a mais-valia capitalista. Veja-se CARRASCO, C. La Economía Feminista: una apuesta por otra economía. In: VARAM M.J. (Coord.) **Estudios sobre género y economía**. Madri: Akal, 2008.

⁵ Sobre feminismo entende-se como as lutas que reconhecem as mulheres como oprimidas reconhecendo que as relações entre mulheres e homens não estão inscritas numa natureza fixa e imutável (PEDRO, 2005).

⁶ Este texto é um desdobramento de outro anterior que tem por título: “Gênero em Humor na Obra Último Aviso de Franziska Becker” de 2022 e está listado na bibliografia.

⁷ As referências das obras estão listadas na bibliografia.

ambientais. Para tal propósito reflexões de Nancy Fraser (2009), Maria Mies e Vandana Shiva (1993) são fundamentais para compreender nos quadrinhos, as relações entre o feminino e a natureza sob o signo da objetificação e da destruição ambiental. Joan Scott (1990, p. 8) ao expor a categoria gênero possibilitou seu uso para compreender as desigualdades de modo relacional, ou seja, que “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado as relações de poder”. Assim, Scott articula gênero com a noção de poder e não estabelece fronteiras fixas entre mulheres e homens e o estudo é relacional, ou seja, o estudo sobre as mulheres implica em entender as opressões diversas incluindo o patriarcado.

Os estudos feministas sobre problemas ambientais mostram que o gênero é inexoravelmente parte da mudança ambiental e, sobre isto, Shiva e Mies (1993) pontuam as conexões profundas entre o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo, pois a feminização da pobreza⁸ tem profundas consequências socioambientais, de saúde e de comprometimento geracional. Essa condição tem relação com essas conexões que geraram e ainda gera opressões diversas para as mulheres.

Estas HQs em seus ativismos compreendem princípios de justiça social e uma vida melhor para um maior número de pessoas no planeta, pois o paradigma do desenvolvimento e do progresso sem fim se configura também como um mito patriarcal (SHIVA; MIES, 1993). São produções que se arriscam a pensar/articular em projetos que combinam com bem viveres responsáveis, co-evolutivos, solidários para viver uma vida mais plena, sobretudo, para as mulheres conforme veremos nas produções aqui elencadas.

Emma Clit “Um outro olhar sobre o clima”

Emma Clit é engenheira de computação, blogueira e desenha nas horas vagas. Ela se declara feminista e revolucionária, e se interessa por política e problemas cotidianos. Em 2017, publicou no seu blog <https://emmaclit.com/> a tira “A carga mental”. Esta publicação foi compartilhada por mais de meio milhão de pessoas e repercutida por meios de comunicação de todo o mundo. Ela publicou dois livros em 2017, reunidos pela Lumen em um único volume

⁸ A feminização da pobreza, segundo Vandana Shiva e Maria Mies (1993), é um conceito que descreve como mulheres, sobretudo, do Sul Global, são mais afetadas pelos processos de empobrecimento advindos com a globalização e as políticas neoliberais.

com o título *The Mental Load*⁹. Nesta obra, a autora apresenta questionamentos sobre a economia do cuidado e as múltiplas jornadas de trabalho¹⁰ do feminino e como esse processo afeta a saúde de mulheres no mundo.

Essas múltiplas jornadas são situacionais e quando associadas à baixa remuneração das mulheres agravam consideravelmente a condição igualitária em direitos de gênero. Segundo dados levantados por Campos,

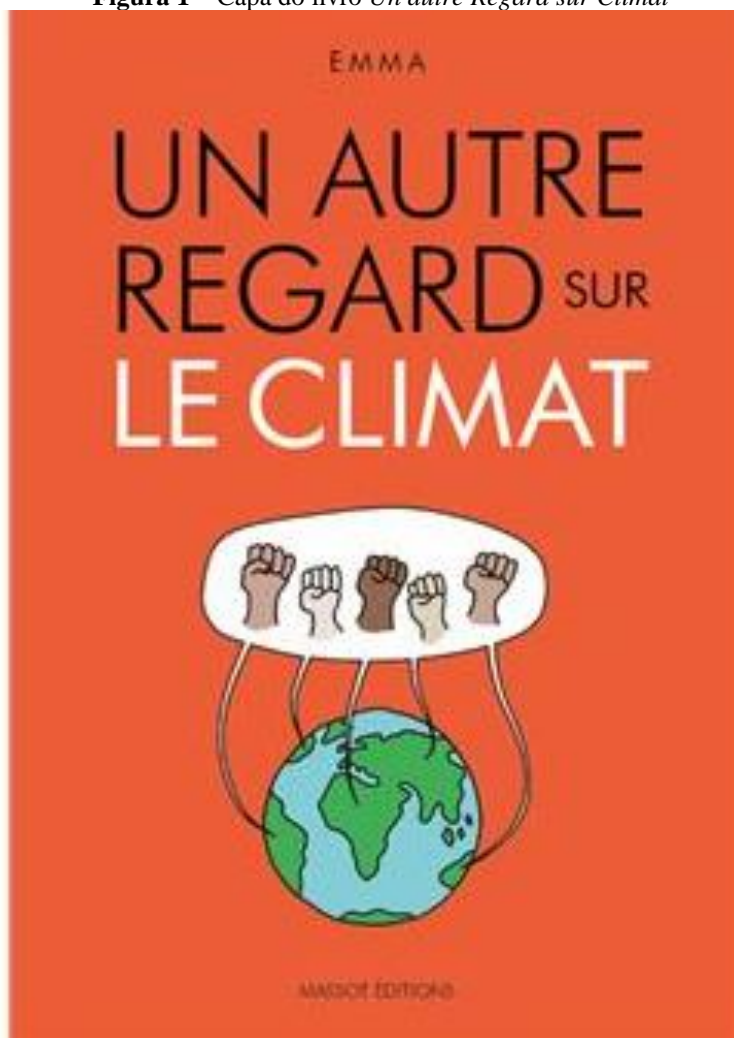
[...] essa condição feminina no mundo do trabalho, marcada pela precarização, vai sendo retroalimentada na medida em que o emprego informal em diversos ramos de atividade e o trabalho doméstico (que em geral também é sem carteira assinada) são as principais portas de entrada de mulheres jovens no mundo do trabalho. E em todas as faixas etárias existe um percentual elevado de mulheres que trabalham nessas ocupações[...] (CAMPOS, 2011, p. 44).

Entendemos que essas jornadas aumentam as formas de violência contra as mulheres conforme destacado no quadrinho “Amalia” e lhes dificulta a gestão da vida e do meio ambiente. A libertação dessas múltiplas jornadas impostas às suas vidas exige mudanças políticas e econômicas profundas.

⁹ CLIT, Emma. **The Mental Load**. Paris: Lumen, 2017.

¹⁰ Como exemplo citamos as seguintes jornadas: a reprodutiva e de cuidado; a produtiva; a militante e/ou política; a pedagógica; a sexual e a emocional, que transversaliza com as demais.

Figura 1 – Capa do livro *Un autre Regard sur Climat*



Fonte: <https://www.livres-sur-sorgue.com/aecologie/176503-nautre REGARD.html>

Nesta HQ, seus desenhos simples, com conteúdo o mais próximos possível das preocupações ambientais cotidianas. Ela inicia com a revolução industrial e seus efeitos locais e depois globais. Traz os movimentos sociais por direitos dos trabalhadores/as. Também observa como a maquinaria das próximas revoluções industriais contribuíram com as mudanças climáticas. Observa o nível dos mares e o aumento de temperatura, os documentos da ONU, os refugiados¹¹ e acidentes climáticos.

¹¹ A inserção de refugiados nesta HQ se dá devido o contingente de pessoas que se deslocam pelo planeta, de modo forçado, devido as mudanças climáticas.

Figura 2 – Aumento da temperatura no planeta

Depuis 1850, la température moyenne à la surface de la Terre a augmenté de 1,1°. A priori, ça n'a l'air de rien, et pourtant ...

Plusieurs espèces végétales et animales ont déjà dû migrer pour trouver un habitat plus adapté à leurs besoins



tous les glaciers du monde reculent



et le niveau des océans monte continuellement. (17 centimètres le siècle dernier)

Fonte: CLIT, Emma. *Um autre Regard sur Climat*. Paris: Massot Edition, 2019, p. 12.

Encontra-se nessa HQ, elementos contributivos para entender o processo de transformação e reorganização social e ambiental provocado pela Revolução Industrial. Com esse processo, inicia o que se convencionou chamar de emissão mais intensa de gases de efeito estufa, novas técnicas e materiais, formas de utilização da energia acelerando o desenvolvimento industrial em todos os setores. Esse modelo, passou a exigir cada vez mais as desigualdades e, conseqüentemente, a exploração da mão de obra e crescimento exponencial da exploração da natureza e seus recursos, desencadeando a antropização. Um modelo que se estendeu para a maioria dos países do sul global, com mais intensificação da exploração, e permanece no hodierno.

Ademais, o sul global do planeta, padece com os impasses fomentados pelos pseudo-imperialismo econômico e ecológico que o norte do planeta impõe. Em muitos países, o que temos hodiernamente são comunidades e povos tradicionais reféns de um sistema capitalista opressor que visa extinguir essas comunidades sob a égide da globalização. Isto acentua ainda mais a desigualdade social, bem como sendo desconsiderados como países produtores de conhecimento. A feminização da pobreza se mostra como um dos inúmeros resultados desse sistema, que acarreta problemas socioambientais cada vez mais agudos onde as mulheres em suas comunidades são sempre as mais afetadas visto que cabe a elas a tarefa de nutrir e alimentar a família (SHIVA; MIES, 1993).

Nessa ótica de análise, se torna impreterível avaliar a situação socioeconômica relacionada com a exploração do trabalho e do corpo feminino e com a destruição dos modos de existência e sobrevivência. As técnicas e formas de dominação são desenvolvidas pelo capitalismo e apropriado pelo patriarcado¹². Esse processo exploratório torna-se mais grave quando está incluída a questão da raça e classe.

A proposta de abordagem nessa HQ promove o despertar da consciência sobre a desvalorização das práticas de cuidado e o contato das mulheres com a meio ambiente e as variadas formas de estabelecer interrelações e, a partir delas, produzir conhecimento, fortalecendo diferentes saberes.

A obra questiona qual conceito de civilidade produzimos e o quanto as populações periféricas, negras, brancas pobres, mulheres, crianças e coletivos têm sido e serão privadas de vida. Um pequeno livro em três partes que nos explica que o capitalismo e o poder de poucos possibilitaram esta sociedade de consumo, poluição e destruição em um planeta finito.

Sáímos da leitura deste livro bastante pessimistas em relação ao futuro da humanidade, e até mesmo saímos decepcionados porque a observação crítica é tão flagrante e realista. A autora insiste no fato de que são as grandes empresas e suas corporações que devem ser responsabilizadas pela destruição e não apenas colocar a pressão sobre os cidadãos.

¹² Sobre essa apropriação ver SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo**: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. 1. ed. Tradução de Ayelén Medail. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

A leitura dessa HQ nos interpela a pensar as ações impostas pelas políticas neoliberais¹³, e seus agentes. Ao escrever sobre a sustentabilidade como um processo social, Juliana Malerba, pondera que:

As consequências logo se fizeram sentir, de um lado, na concentração da renda e da riqueza em corporações transnacionais minoritárias controladoras dos processos sociais e, de outro, na distribuição desigual dos riscos e danos socioambientais causados. Isso, vivido e compreendido coletivamente pelas populações e grupos afetados como conflito e injustiça, desencadeou os movimentos contra o racismo ambiental e por justiça ambiental (MALERBA, *et. al.*, 2018, p. 147).

Diante dessas consequências, Emma regressa aos primórdios da produção em massa desde a revolução industrial inglesa, do capitalismo global, mas também às estreitas ligações entre as multinacionais que mais poluem e os Estados e, portanto, as suas políticas que beneficiam esse capitalismo predatório. O que ocorre, nesse sentido é uma recorrente irresponsabilidade na moderna sociedade movida pelas tecnologias visando um acelerado processo de riquezas via forças produtivas ininterruptas que aumentaram proporcionalmente não apenas o capitalismo industrial, bem como na mesma proporção o colapso ambiental.

Franziska Becker e “O último aviso”

Nascida em Mannheim, Alemanha em 1949. Vem de uma família liberal. Começou seus estudos em um curso de egiptologia na Universidade de Heidelberg. Porém, com a pressão familiar concluiu o curso de formação técnica em assistência médica. No entanto, acabou entrando para a academia de artes. Na universidade aderiu aos movimentos feministas dos anos 1970.

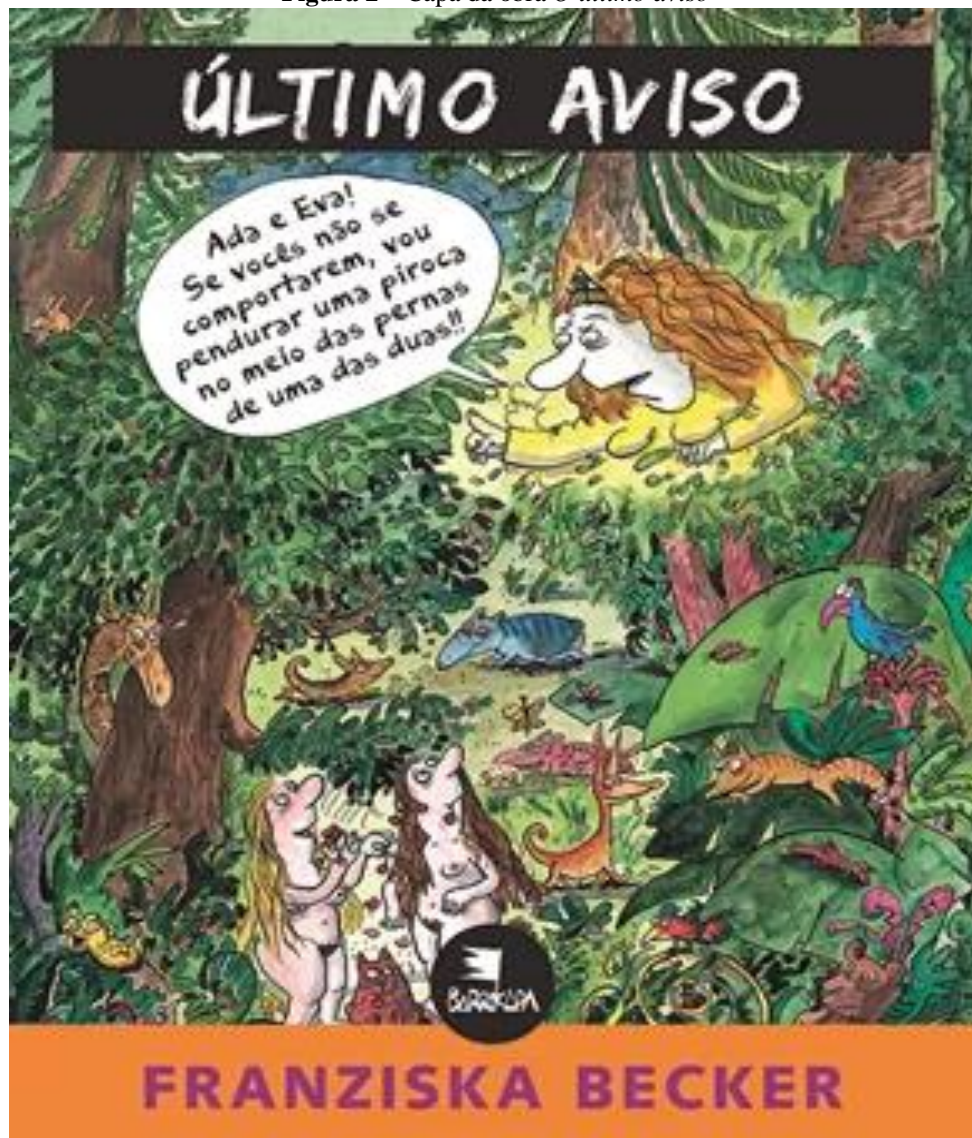
Seus cartuns têm por tema a emancipação feminina fortemente influenciados por Simone de Beauvoir¹⁴. São diversos temas cujas convenções sociais e situações do cotidiano ganham força no humor e na crítica quando apresenta as relações de poder entre o masculino e feminino numa conformidade com as discussões da obra *O Segundo Sexo* publicada em 1949.

¹³ Sobre o conceito veja-se Fraser (2016).

¹⁴ Simone de Beauvoir foi oi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Uma de suas obras mais conhecida é “O Segundo sexo”, escrita em 1949.



Figura 2 – Capa da obra *O último aviso*



Fonte: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/ultimo-aviso-152362>

Esta obra reúne cartuns e histórias em quadrinhos, em sua maioria antes publicados em revistas e jornais na Alemanha, e nesta obra conta com mais de 120 páginas, sob uma perspectiva feminista, muitas vezes bem-humorada. “O uso do humor por Franziska Becker refere-se a rir de si próprias e da vida com o intuito de resistir e irritar aspectos da nossa existência e, sobretudo, das assimetrias de gênero” (ZIMMERMANN; KMITTA; JESUS, 2022, p. 237). A artista recebeu em 1988, o prêmio *Max und Moritz* como melhor cartunista alemã. A obra foi publicada em 2010 na Alemanha e em 2014 no Brasil.

Nos quadrinhos que seguem temos a crítica ácida em relação a temas ambientais e reciclagem, indústria farmacêutica e rejuvenescimento e contratos abusivos de telefonia.

Figura 3 – Cartuns de Becker



Fonte: BECKER, Franziska. *Último Aviso*. Trad. de Nélio Schneider. 1. Ed. São Paulo: Barricada, 2014, p. 123.

O HQ apresentado por Becker traz o despertar de percepções que vão para além de simples crítica ao sistema capitalista vigente, tensiona a atenção para a necessidade da justiça ambiental. Na imagem 03, o quadrinho à direita apresenta de modo irônico o uso da reciclagem como mercadoria no vestuário e na moda. No cartum abaixo, versa sobre a reutilização de todo o lixo, incluindo cacos de vidros para decoração. No canto inferior, ela problematiza a indústria farmacêutica em relação ao consumo de botox.

Embora Franziska se reporte mais a realidade alemã, vamos buscar em Selene Herculano, que ao escrever sobre a importância da justiça ambiental e contra o racismo ambiental, pondera que a temática deve despertar interesse face a extrema desigualdade social:

[...] O desprezo pelo espaço comum e pelo meio ambiente se confunde com o desprezo pelas pessoas e comunidades. Os vazamentos e acidentes na indústria petrolífera e química, a morte de rios, lagos e baías, as doenças e mortes causadas pelo uso de agrotóxicos e outros poluentes, a expulsão das comunidades tradicionais pela destruição dos seus locais de vida e trabalho, tudo isso, e muito mais, configura uma situação constante de injustiça socioambiental no Brasil, que vai além da problemática de localização de depósitos de rejeitos químicos e de incineradores da experiência norte-americana (HERCULANO, 2008, p. 5-6).

Com o desprezo de espaços comunais e de pessoas, sobretudo, do Sul Global, o capitalismo segue avançando na exploração, conforme figura 4:

Figura 4 – Cartuns de Becker



Fonte: BECKER, Franziska. *Último Aviso*. Tradução de Nélio Schneider. 1. Ed. São Paulo: Barricada, 2014, p. 145.

Esses cartuns expressam a crítica a partir de um olhar feminino e do feminismo sobre o cotidiano de mulheres e suas múltiplas jornadas de trabalho, a qual corrobora para denunciar injustiças climáticas e de gênero vividas não só por mulheres. No primeiro quadrinho da imagem 04, Becker observa como o capitalismo se expande para mercantilizar o exotismo e a aventura na natureza. Na imagem ao lado, ironiza como a tecnologia e as mudanças climáticas incidem sobre as pessoas cujas consequências levam aos refugiados climáticos.

Nos quadrinhos ao centro apresenta imagens sobre as fontes alternativas energéticas, mas com consequências destrutivas. Ao lado, as mulheres são exaltadas em suas qualidades femininas como o altruísmo, o cuidado e a competência social, para mitigar os efeitos destrutivos sobre o ambiente. Nos dois quadrinhos finais ironiza os efeitos catastróficos do

desenvolvimento capitalista vistos como evolução, mas que produziram a extinção da humanidade.

Becker se utiliza da crítica feminista para traduzir diferentes experiências de mulheres e suas relações com o patriarcado. Nesta tradução, ela entende que a ironia em humor pode ser uma importante estratégia para mudanças mais significativas nas relações de gênero e nas questões ambientais.

Maïté Robert e a “Procrastinação Ecológica”

Maïté Robert nasceu em 1991 em Paris, e cresceu cercada pelas revistas do Tio Patinhas e pelo medo do buraco na camada de ozônio. Era apaixonada por desenho e histórias e, por isso, estudou animação, mas depois começou um trabalho fabril. No entanto, no ano de 2018, ela decidiu se dedicar como quadrinista abrindo uma conta no Instagram¹⁵ para postar seu senso de humor zombeteiro.

Em 2020, enquanto atravessava um período de introspecção ecológica e tentava vagamente abandonar o *fast food*, o jornal *Matin quel Journal* lhe deu uma coluna de quadrinhos. Durante um ano, ela contou suas diversas aventuras e sua jornada como iniciante ecologicamente correta, que agora pode ser encontrada no seu livro *Procrastinação Ecológica*¹⁶.

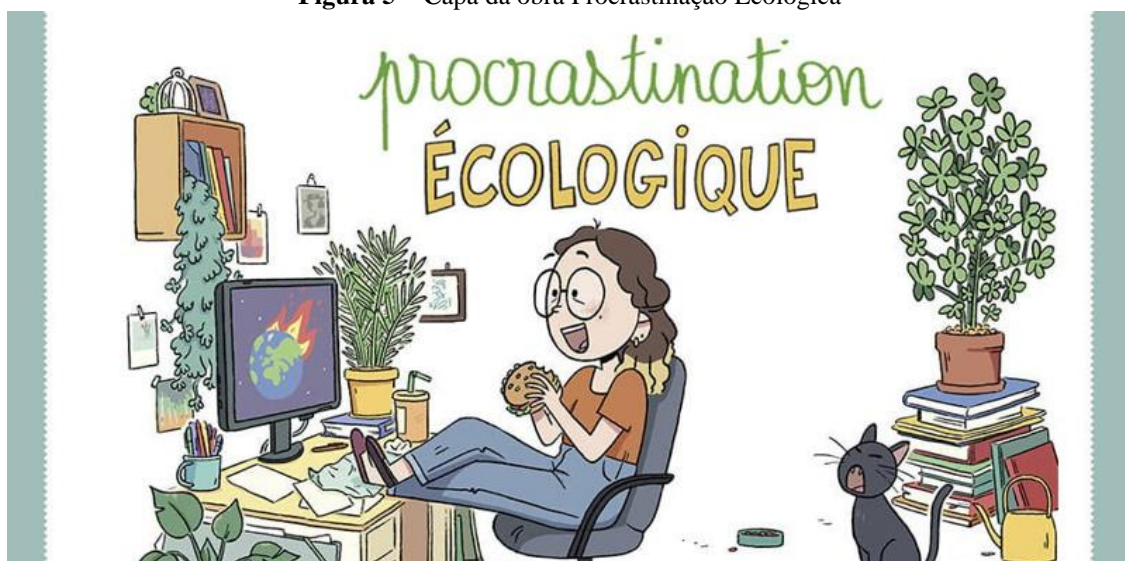
Nesta obra Maïté Robert, produziu vários capítulos sobre temas do cotidiano que nos levam à prática da ecologia. Ela conta sobre contratemplos, descobertas sobre novas e velhas práticas que nos permitem limitar o nosso impacto no planeta. Mostra que enfrentamos esta cativante procrastinação para refletir sobre as nossas ações e o nosso consumo.

É uma leitura rápida apesar das 200 páginas, que se atenta ao cotidiano e como ser ecológico quando há Netflix e *McDonald's*, *fast fashion*, o vôo, o desperdício, a carne, sem se sentir culpado, ansioso ou colocar muita pressão sobre as atitudes de cada pessoa.

¹⁵ https://www.instagram.com/maite_robert/

¹⁶ Refere-se a ao hábito de adiar atitudes de preservação e de cuidados com o meio ambiente.

Figura 5 – Capa da obra Procrastinação Ecológica



Fonte: <https://www.fnac.com/a16494373/Robert-Maite-Procrastination-ecologique>

Nesta obra, ela retrata hábitos de consumo que não levantam suspeitas para demonstrar que cada ação tomada tem uma consequência irreversível. Maïté Robert usa a primeira pessoa, desenha ela mesma conforme esta capa da figura 05 e completa sua história em quadrinhos com algumas fotos dela, de sua gata zela e de sua mesa de centro. Na imagem do seu computador, o planeta Terra em chamas, clamando nesse quadrinho para medidas urgentes com relação ao aquecimento global.

“Amalia” da quadrinista Aude Picault

Aude Picault nasceu em 1979, em Paris, e se formou-se em comunicação visual na renomada escola de arte *Les Arts Deco*. Seus primeiros trabalhos em direção aos quadrinhos datam de 2004 e no ano de 2022 publicou pela editora Dargaud, a obra “Amalia”.

Figura 7 – Capa da HQ Amalia



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Amalia-Picault-Aude/dp/2205087169>

Nesta obra de 148 páginas, Aude Picault opta por apresentar uma heroína vítima da “intolerância à performance”¹⁷. A autora aborda a carga mental¹⁸ feminina, mas também a crise climática e social. Amália, mãe de família e trabalhadora de múltiplas jornadas, observa incansavelmente que ela não deve se atrasar para o trabalho, o lixo deve ser bem separado, a casa deve estar limpa e arrumada, as crianças devem chegar na hora certa na escola. Uma vida diária que muitas mulheres conhecem. Essa HQ acontece num cenário distópico onde uma doença do trigo se espalha. A rádio, que ela ouve constantemente manda notícias ruins do exterior, o que não é muito animador.

Nesta HQ, a personagem Amalia questiona como um estilo de vida e linguagem se espalham no cotidiano no qual os agrotóxicos viram estimulantes, os aditivos alimentares são melhoradores, as reuniões são quase sempre *online*, a redução de trabalhadores é justificada com “você tem que ser flexível, nós acreditamos em você”, os funcionários devem preencher questionários de saúde ocupacional. Em suma, Aude Picault nos mergulha neste futuro próximo tão semelhante ao nosso presente que não temos dificuldade em nos projetar nele. Além disso, Amalia contesta o contexto neoliberal, na qual a economia do cuidado e a sujeição das mulheres ainda estão em cena, cujo patriarcado tende a ser mais extenuante (BROWN, 2019).

Fraser (2009) em suas críticas tem observado o contexto do tempo presente:

Tais processos de subordinação mediados pelo mercado são a própria essência do capitalismo neoliberal. Hoje, conseqüentemente, eles devem se tornar no foco principal da crítica feminista, conforme buscamos nos distinguir do neoliberalismo e evitar a ressignificação feita por ele. O objetivo, certamente, não é largar a luta contra a autoridade masculina tradicional, a qual permanece um momento necessário da crítica feminista. É, pelo contrário, romper a passagem fácil de tal crítica para seu duplo neoliberal – sobretudo reconectando as lutas contra a sujeição personalizada à crítica a um sistema capitalista, o qual, ainda que prometa liberação, de fato substitui um modo de dominação por outro (FRASER, 2009, p. 30).

Nesse contexto neoliberal, a cada dia Amália fica um pouco mais exausta. Por fim, nesta Hq ela vai ao médico e o diagnóstico após consulta é claro: “Intolerância ao desempenho”, ou

¹⁷ Refere-se à crítica ao desempenho excessivo e produtivista com foco na eficiência como, por exemplo, no trabalho, educação e nas relações familiares.

¹⁸ Refere-se a uma sobrecarga de atividades relativas ao planejamento, coordenação, organização e responsabilização do feminino em relação à vida doméstica e familiar. Veja-se Kergoat e Hirata (2007).

seja, a hiper produtividade é reconhecida como uma patologia sobre a qual é possível atuar, mas irrealizável para Amália no contexto da sua vida cotidiana. Daí a decisão de ir passar alguns dias no campo com a família, conforme a capa da imagem 07.

Com efeito, a heroína fica sobrecarregada pela carga mental, mas também pelo trabalho de cuidado (este trabalho quase invisível e não remunerado que consiste em cuidar dos outros). Como podemos ter um bom desempenho em todas as frentes? Isso ela expressa na imagem que segue.

Figura 8 – As múltiplas jornadas



Fonte: PICAULT, Aude. *Amalia*. Paris: Dargaud, 2022, p. 57.

Em relação as múltiplas atividades femininas Fraser (2009), Shiva e Mies (1993) compreendem que são necessárias pautas políticas sobre estes trabalhos que reproduzem a vida. Também entendem que não deva haver divisões entre lazer e estes trabalhos necessários para manter a vida, pois não são em sua maioria tarefas alienantes e, sim são trabalhos produtores de vida como o cuidado e plantações para autoconsumo. Elas sugerem que se valorize estes trabalhos construindo relações que entremeiem descanso, trabalho e prazer. Estas questões estão presentes nesta HQ.

Aude Picault também versa sobre um vício contemporâneo: o telefone celular e as telas. Destaca este problema em particular entre os jovens, especialmente envolvidos nesta corrida por consumo e assinaturas de plataformas, que pode rapidamente tornar-se prejudicial à saúde.

O álbum termina com uma possibilidade de saída para uma gestão de um futuro comum e melhor. Faz parte destas histórias coletivas que reinventam um futuro em que a esperança é permitida.

Considerações finais

Concluímos que estas escritoras em suas perspectivas feministas sugerem ideias que propõem alternativas à crise climática contemporânea, e a maioria delas – Becker (2014), Picault (2022) e Clit (2019) – reconhece a existência do vínculo entre subordinação e violência contra as mulheres e a destruição da natureza. Esse reconhecimento ocorre na relação da economia do cuidado como uma atribuição para as mulheres significando um trabalho fundamental com gerir e cuidar da vida. No entanto, ao atribuir as mulheres a submissão nesse cuidado como norma elas são exploradas. Também a natureza como dádiva da vida, faz parte de um processo de coisificação e exploração no sistema capitalista.

São diferentes gerações de mulheres quadrinistas cujas múltiplas vozes e suas experiências com feminismos e epistemologias, aduzem a outras práticas políticas, culturais e socioeconômicas as quais resistam ao pensamento único em valores mercadológicos do neoliberalismo.

Ao discutir as angústias advindas com as múltiplas jornadas, destruições ambientais e desigualdades de gênero estas HQs trazem dimensões do fazer feminino com a conexão ambiental e experiências de mulheres as quais apontam para responsabilidades coletivas e estatais sobre a crise climática. Neste sentido, podem trazer novos debates e embates em

diferentes espaços institucionais que rumam para a equidade, igualdade de gênero com justiça socioambiental, bem como para a recuperação de ecossistemas frágeis, a dignidade alimentar e bem viveres para mais pessoas.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BECKER, Franziska. **Último Aviso**. Tradução de Nélio Schneider. 1. Ed. São Paulo : Barricada, 2014.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo. Editora Politéia, 2019.
- CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. **A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS**. 1.ed. Buenos Aires: CLACSO, 2011.
- CARRASCO, C. La Economía Feminista: una apuesta por otra economía. In: VARAM M.J. (Coord.) **Estudios sobre género y economía**. Madri: Akal, 2008.
- CLIT, Emma. **Um autre Regard sur Climat**. Paris: Massot Edition, 2019.
- CRESPO, Samyra. Mulheres e Sustentabilidade no Brasil. In: AVZARADEL, Pedro C. S.,LIMA, Roberta O., ROCCO, Rogério G. (orgs.). **Ecofeminismo e Justiça Ambiental: Estudos em homenagem à Sirlene Herculano**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2023.
- FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. In: **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.
- FRASER, Nancy. Contradições do Neoliberalismo Progressista: Como os Movimentos pela Justiça Social Aprisionaram-se numa Aliança com o Capitalismo Cognitivo. **Cadernos de Filosofia Alemã**, 21(2), 2016, p. 29-43.
- HERCULANO, Selene. O Clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **Interfaces – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente - v.3, n.1**, Artigo 2, jan./ abril 2008, p. 1-20.
- HIRATA, Helena.,; KERGOAT, Daniele. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, 37(132), 2007, 595-609.
- MALERBA, Julianna; TEIXEIRA, Maiana Maia; SIQUEIRA, Ruben. Sustentabilidade como processo social: A experiência da Rede Brasileira de Justiça Ambiental. In: RIGOTO, Raquel Maria; AGUIAR, Ada Cristina Pontes; RIBEIRO, Lívia Alves Dias (orgs.). **Tramas para a justiça ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias**. Fortaleza: Edições UFC, 2018
- MELLO, Hildete Pereira de. Linha de pobreza: um olhar feminino. Texto para discussão 169 – **Economia/UFF**. Rio de Janeiro, maio de 2005.

MIES, Mara; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. Fernando Dias Anntunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, vol. 24, n.1, 2005, p. 77-98.

RIGOTO, Raquel Maria; AGUIAR, Ada Cristina Pontes; RIBEIRO, Livia Alves Dias (orgs.). **Tramas para a justiça ambiental**: diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Edições UFC, 2018

ROBERT, Maite. **Procrastination-ecologique**. Paris : Dargaud, 2022.

PICAULT, Aude. **Amalia**. Paris: Dargaud, 2022.

SEGATO, Rita. **Cenas de um pensamento incômodo**: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. 1. ed. Tradução de Ayelén Medail. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016.

SCOTT, Joan, Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n. 16, julho/dezembro, 1990, p. 7-14.

ZIMMERMANN, Tânia R.; KMITTA, Ilsyane do R.; DE JESUS, Jandira. Gênero em Humor na Obra “Último Aviso” de Franziska Becker. **Revista Hydra**: Revista Discente De História Da UNIFESP, 6(11), 233–254, 2022.

Recebido em: 29 de maio de 2024

Aceito em: 23 de outubro de 2024
